A POLUIÇÃO MENTAL

José Alcides Pinto

O opúsculo de autoria do escritor Carlos Studart Filho, intitulado "A Poluição Mental" (Separata da Revista do Instituto do Ceará) e lançado agora pela Gráfica Editorial Cearense, 1976, deve ser lido por gregos e troianos e por todos aqueles que se preocupam com o destino do homem.

Estudioso de nossa cultura, o General Carlos Studart Filho tece considerações em torno de um tema palpitante e do maior interesse público. O assunto em questão vem preocupando não só aos intelectuais, de todo o mundo, como aos sociólogos e particularmente aos cientistas, que vêem no fenômeno uma ameaça ao desenvolvimento da própria ciência e ao futuro da humanidade.

Carlos Studart Filho, homem de uma personalidade marcante, dono de sólida cultura histórica e humanística, escolheu um tema palpitante e audacioso para desenvolver sua tese. A "poluição mental" apresentada pelo historiador brasileiro, nada tem a ver evidentemente, com a poluição ambiental. É uma poluição muito mais perigosa, porque ameaça tornar-se mais grave ainda, uma vez que contamina não só o corpo humano, mas sobretudo a mente. E isso ocorre não só em nosso País, mas no mundo inteiro.

A apresentação do opúsculo em foco, é feita pelo Prof. e jornalista Geraldo da Silva Nobre, também escritor e dono de um estilo fluente e escorreito em sua linguagem inteligível e inteligente. Em seu sucinto "Prefácio", G. S. Nobre dá a dimensão exata do intelectual e do homem estudioso de nossa cultura que é o General Carlos Studart Filho. E assinaríamos, com muito prazer, o último tópico da "Apresentação", que assim conclui:

Até mesmo pelo estilo despretensioso porém escorreito, contudente mas agradável, do Dr. Carlos Studart Filho, esta sua contribuição à temática da sociedade atual — irrecusável prova de vivacidade e vitalidade — está destinada a intensa repercussão agora e no futuro, pelo que é tanto maior a honra atribuída pelo mestre ao discípulo plumitivo, ao solicitar-lhe as presentes considerações, desproporcionadas ao mérito do estudo comentado e à confiança que lhe foi depositada.

Sob o título de "Amor à Controvérsia", C.E.F. faz um levantamento histórico da situação de "calamidade mental" da crise que atravessa o mundo inteiro, a começar pela filosofia antiga, passando pelo Renascimento ao estado atual de nossa cultura. É uma exposição rica de conhecimento e reflexão. Passando pelo "Valor da Disputa" e "Incongruências e Erros", vai em sua abrangência histórica o Autor caminhando agora para o âmago de sua pesquisa, a partir do 4o. tópico da "Introdução" de seu brilhante trabalho — "Publicidade versus Informação".

Pensávamos que sabíamos muito a respeito de publicidade, informação, divulgação, ou pensávamos saber o suficiente, mas não sabíamos nada ainda, ou julgávamos apenas saber. E a matéria-prima dessa fonte é apresentada a olho nu, agora, por esse historiador inquieto e inconformado apenas como roteiro histórico.

Não satisfeito com a análise empreendida em torno da imprensa escrita, avança no campo do sensacionalismo religioso, e nos dá, aqui, a verdadeira dimensão do abismo em que o mundo atual se encontra.

No campo religioso, a dúvida e a insegurança obsidiam e afligem o espírito dos católicos, nessa fase de desenvoltura pseudo-teológica e de anarquia espiritual, como lhe chama o escritor Luis Sucupira.

Ou ainda: diga-se, de passagem, que, essa multiplicação incessante de seitas e ritos, e esse achincalhamento sistemático das coisas santas e das leis divinas, de nenhum modo decorrem do simples acaso; não são, como se pretende, unicamente frutos da época, cheia de confusão e tumulto em que vivemos. Por detrás deles, atuando como determinantes de tão tristes sucessos, existem forças misteriosas e maléficas cujos desígnios não são apenas destruir a fé, mas, igualmente, aniquilar a própria civilização cristã.

Entende o historiador que o mal vem de longe. E nisso está absolutamente certo. Enfocando o campo da demonologia, mostra os abismos em

que a humanidade se debate, alheia à realidade social de seu tempo — abismos esses completados por uma filosofia distorcida e histérica, eivada de sensualismo pagã, como o erotismo epidérmico, vazio de beleza e arte, que nos apresentam hoje os veículos de comunicação de massa. Estou que o Diabo é um sujeito muito sério, e não pode ser evocado sem mais nem menos em qualquer terreiro ou tenda de feitiçaria. A demonologia é o prato do dia dos exorcistas até mesmo de Picadeiro.

As histórias em quadrinhos também são assuntos de nosso exegeta, e formam paralelamente com novelas e fotonovelas e são uma extensão do "Pop" no cartaz e na publicação seriada. Não se demorou muito nosso intelectual no "Kitsch", mesmo porque é um campo ainda impreciso, e ele orientou sua pesquisa mais no sentido dos fatos históricos ou na evolução destes que, infelizmente, se transformaram em involução.

A hecatombe que é esperada para o ano 2000 será uma realidade abissal ou um logro? Mas o homem não será roborizado. A poesia não será ditada pelos computadores, na antevisão desses loucos programadores de ficção científica. Saturado da técnica, da austronáutica, da indústria seriada, o homem será ainda a grande meta do Homem . . .